



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 43—LISBOA

A resposta da Belgica



A Alemanha — Se não negocias a paz comigo, em separado, arrazo-te completamente !

A Belgica, (apontando para a sombra de Cambronne) — Faço minhas as palavras do orador que me precedeu...

PALESTRA AMENA

Por ordem alfabetica

Ora até que enfim vai-se sabendo lá por fóra que existe no ocidente da Europa um paiz que se chama Portugal e que esse paiz não faz parte da Hespanha. Desde que a Republica se im plantou, começou a esboçar-se essa ideia; vieram aí varios delegados dos jornais europeus e, depois de curta demora, regressaram quasi convencidos de que Portugal e Hespanha eram dois paizes diferentes, pois que não fazia sentido que uma só nação fosse ao mesmo tempo republicana e monarchica.

Com a declaração de guerra, mais essa ideia se radicou por esse mundo além. Como se compreenderia que uma nação fosse simultaneamente beligerante e neutral, o que aconteceria se a peninsula iberica fosse constituida por uma nacionalidade unica?

Mas o que veio definitivamente emancipar-nos da continuidade politica, que se confundia facilmente com a geografica, foi a efetivação da cooperação portugueza no conflito europeu, ao lado dos soldados francezes e inglezes; e o reconhecimento da nossa individualidade acha-se consagrado desde agora na lista das nações que responderam ás perguntas de paz da Alemanha, pois que essa lista incluye Portugal, figurando na sua devida altura—por ordem alfabetica, como com legitimo e patriótico orgulho acentuam os jornais sérios. De modo que estamos primeiro do que a Russia, pela raz o da letra P aparecer no alfabeto antes da letra R e se estamos depois da Inglaterra, Belgica, França e Italia não ha motivo para culpar senão quem batisou Portugal com uma inicial tão adiantada na ordem dos caracteres latinos, sem prevêr consequencias politicas.

A diplomacia dos aliados, que nem sempre tem feito boa figura—permitam-nos a confissão—d'esta vez por tou-se sabiamente, evitando complicações e melindres. Se diferente tivesse sido a base da ordem, na lista, é possível que Portugal antecedesse outras nações, mas não faltariam invejas, que assim não tem razão de ser. Foi esta, sem duvida alguma, a melhor solução, pois que ninguem se póde dar por ofendido: o P está no lugar que lhe compete e por muita importancia que tenham a Russia e a Romenia, o remedio é revestirem-se de paciencia.

B. m. Resolvida assim uma parte do problema politico, vamos agora a vêr em que ordem ficamos quando se fizer a paz, quanto a deveres e a direitos, a serviços prestados e recompensas a receber. Tambem figuraremos primeiro do que a Russia, por exemplo? Dar-nos-hão compensações, relativamente, superiores a Constantinopla?

Não o ousamos esperar, mas estamos em que a diplomacia ha-de tambem encontrar n'essa ocasião maneira de não nos prejudicar, pelo menos estabelecendo a lista por uma ordem que não melindre.

Assim seja.

JOSÉ NEUTRAL.

Opiniões

Tal como previamos, a peça do sr. Jaime Cortezão, *O Infante de Sagres*, semelhantemente ao que aconteceu á do sr. Rui Chianca, *Aljubarrota*, começa a levar pancadaria como um tambor n'uma festa. E' verdade que tambem começa a ser elevada aos carrapatos da lua, mas se dermos balanço, talvez o resultado não penda para o lado da apoteose.

Damos, em seguida, as opiniões mais curiosas que nos tem chegado aos ouvidos.



Do nosso barbeiro:

- Não gostei.
- Mas por quê?
- Ora! porque mete muitos frades!

Entre mancebos:

- Então quem te encheu as medidas, no *Infante de Sagres*?
- O futuro D. João segundo...

Entre patriotas:

- Gostaste?
- Gostei. Não ha duvida de que as figuras dos navegadores são de portuguezs ás diretas.
- E' verdade! que valentia!
- Vé lá se eles faziam caso dos submarinos!

Novo ministerio

Em Inglaterra vai ser criado um novo ministerio: o da aviação, o que nos dá a esperanza de em breve termos ministerio semelhante, porque nunca deixamos de imitar o que se faz lá fóra.

Está aqui está o sr. João Gouveia ministro da aviação—se o sr. Antonio José não quizer acumular.

Munições de guerra



Telegrama do Rio de Janeiro: "A exportação de feijão para a Europa, este ano, é calculada em mais de 5:000 toneladas."

E ainda os beligerantes se queixam de falta de explosivos!

A princeza Maria Ressina

A historia já foi contada pelo nosso mano mais novo, o *Século*, edição da noite, mas como ha pessoas que só lêem o *Século Comico*, não nos levariam a bem que as deixassemos na ignorancia de tão estranho caso.

Viajando a princeza Maria Ressina em territorio dinamarquez, com destino á Alemanha, viu-se obrigada a entrar n'um gabinete publico, de *toilette*, para satisfazer certa necessidade, e ali, como o aceio não fôsse muito, sentou-se n'um jornal, na ocasião de operar.

Na fronteira alemã foi revistada por uma apalpadeira, que a examinou por todos os lados, incluindo o de traz. De subito a mulhersinha deu um grito e chamou dois fiscaes, que se puzeram tambem a examinar a princeza na referida parte, verificando que ela tinha impressas na pele algumas palavras em lingua desconhecida.

Poi sua vez os fiscaes chamaram um fotografo e as redondezas principescas foram fixadas pela fotografia para serem decifradas por pessoa competente. Por fim, tudo se esclareceu, reconhecendo-se que Maria Ressina não era espia, mas apenas uma senhora que se não tinha lavado convenientemente, por falta de agua.

E agora venham para cá apontar-nos os paizes do norte como modelos de aceio, em detrimento do nosso! Por mais descuidada que seja a higiene em Portugal, podemos jurar que nunca vimos caracteres tipograficos em fundo de costas de princezas!

O LIVRO BRANCO



Zé Povão:

—Afim de contas, tanto se me dá que o Livro Branco contenha todos os documentos relativos á nossa participação na guerra, como não. Como não sei ler...

Fêmeas

Levantaram-se duvidas na imprensa franceza sobre a designação que devia ter de futuro a esposa do marechal Joffre, mas por fim concordou-se em que seja tratada por "marechala".

Tambem estamos de acordo e ainda bem que o substantivo se presta a uma forma feminina aceitavel. Já o mesmo não diriamos se o Joffre fôsse cabo, sargento ou alferes; como haviamos de chamar á mulher? *Caba, sargenta, alferesa?*

E' para resolver estas e outras duvidas que existe o sr. Candido de Figueiredo. Tem a palavra.

O decreto do gaz

No principio do mez:

—Maria!

—M nha senhora!

—Olhe que eu não quero que se gaste mais de setenta por cento de gaz que se gastou n'esta casa em igual mez do ano passado!

—Sim, minha senhora.

—Olhe: aqui tem a nota do ano passado. Duzentos metros: logo, este mez só deve gastar cento e quarenta.

—Sim, minha senhora.

No fim do mez. A ama, desesperada:

—O' Maria! que pouca vergonha é esta! Gastaram-se tresentos metros de gaz!

—Não pôde ser.

—Qual não pôde ser? é o que acusa o contador.

—Porque está estragado.

Tirando uma fita metrica da algibeira e um papelinho:

—Olhe, minha senhora: todas as noites medi as chamas com o metro. Nem chega a cincoenta metros...

O empregado da companhia, para o dono da casa:

—Aqui está a conta do ano passado. Em janeiro gastou dois metros. Este ano só pôde gastar um metro e quarenta centímetros...

—O' sr. empregado! Em janeiro do ano passado só gastei dois metros porque estive na provincia desde o dia 2 ao dia 31...

—Não queremos cá saber. Querem vêr que você é germanofilo?

O Marques, racionando:

—Por mais que me digam este decreto não resolve coisa nenhuma. Que se deseja? poupar o carvão. Que se resolveu: diminuir o consumo do gaz. Logo, o que estava indicado, é que se usassem fogões a gaz, em lugar de fogões a carvão!

Livros, livrinhos e livreços

Como prometeramos na semana anterior, transcrevemos hoje algumas belas estrofes do *Pintasilgo morto*, da autoria do sr. Augusto Dias de Figueiredo Guedes e Castro, poeta e tesoureiro da Fazenda Publica em S. Cosme (Gondomar).

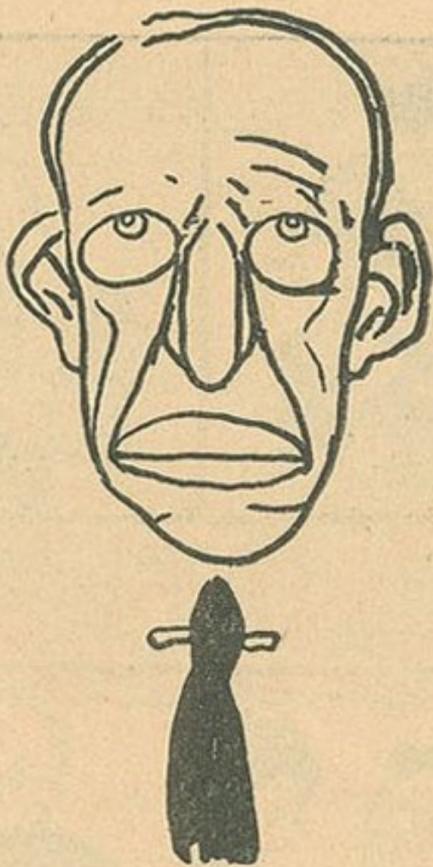
Aí vão:

Além na verde latada,
N'uma galola encarnada
Uma gentil avesita
Saltita em louco alvoroço
Ao vêr garrula pequ'nita
Trazer-lhe o frugal almoço.

Mas—oh! grande lamba eirol—
Esses saborosos bolos
Que a mãe havia-lhe dado
A pequena os comeu todos
Sem deixar nenhum bocado
A' molina prisioneira.

Seguem-se os queixumes do infeliz pintasilgo, vitima da guloseima da pequ'nita, que se apoderou dos bolos que a mãe havia-lhe dado. Depois a tragedia em toda a sua crueza:

EM FOCO



Wilson

Com que então quer a paz, vossa excelencia?
Tambem nós a queremos, é sabido;
Se trazemos a guerra no sentido
Não é por diversão nem por demencia.

Da sua boa fé n'esta emergencia,
Da sua lealdade não duvido,
Mas não sabe o que tem acontecido
Ou já não tem memoria nem paciencia.

Venha até à Europa de passeio,
Saborear o pão que foi de trigo
E agora é serradura com centeio,

Ovos a doze vintens (o preco antigo)
Pagar a seis tostões ou seis e meio
E fale então de paz, meu caro amigo!

Belmiro,

Mimi chorava: «Que tens tu qu'r dlnha?»
Pergunta a mãe ao vêr seu desconforto.
Em seguida a creança abre a mãosinha
Mostrando n'ela um pas: arinho morto.

Lamentações, palavras de consolação
que parte da mãe e a confissão da culpada:

Tu sabes esses bolos que eu pedi
E que eram uma tão parca razão?
Gulosa eu comi!
E ele então com fome a plar, a plar
N'um triste langor
Cafu para o laio em tal estertor
De fazer chorar...

Já agora diremos que o lindo conto é oferecido á menina Berta, para que dele extraia a competente moral, e que concieue por estes deliciosos versos:

Mais tarde tu pela existencia fóra
Não 'squeças este conto de lnda, agora
(De saudavel lição simples e austera)
Dando inefaveis, filiaes carinhos
Per'las que a alma pura sempre gera
A teus segundos pais e teus padrinhos.

Bravo!

Não é possivel darmos noticia de todos os poemas patrioticos que nos chegam de todos os recantos da provincia. Desculpem-nos os poetas, que fa-

riam o mesmo se dispuzessem de tão pouco espaço como nós.

Por hoje, noticiamos apenas o aparecimento do *Fortugal*, do poeta de Chaves, sr. Adriano Coimbra, transcrevendo os versos finais:

Oh Lusitania! Oh minha menina e moça!
Dona, exa tando todo o meu ardor,
Quero que vivas orgulhosa e grande!
Rasga-me o peito, se preciso fôr,
Oh! Lusitania de Afonso Henriques,
Oh! minha Patria! Oh meu eterno amor!

Esperamos que não seja necessario que a Lusitania rasgue o peito ao sr. Adriano Coimbra. Evidentemente perder-se-ia uma pessoa de merecimento.

Tesura

Nota um jornal, e não nota mal, que o decreto anti-iluminativo tem um feitiço aggressivo para o publico, como quasi todos os decretos ultimamente promulgados. Parece, realmente, que se trata de imposições a inimigos.

Pois sim, mas o governo bem sabe com quem lida; se não ameaçar não ha meio de se cumprirem as leis. E' verdade que mesmo ameaçando pouca gente as cumpre, mas uma redação tesa sempre produz certo efeito nos espiritos timoratos.

Aí, valentes!

Bocage e os medicos

Certos de que os leitores nos agradecerão, aí vão alguns versinhos de Bocage, pessoa de algum talento:

I

Um velho caiu de cama,
Tinha um filho esculapino,
Que para ad vinhações
Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpa
E receitar depois vae.
Diz-lhe o velho suspirando:
—Repara que sou teu pae».

II

Chiron foi medico insigne,
Segundo nos livros acho;
Porém cavalo o descrevem
Da cintura para baixo.

Doutor, em nada o semelhas;
Ele foi besta nos pés,
Nas ancas, mãos e costado:
Tu só na cabeça o és.

III

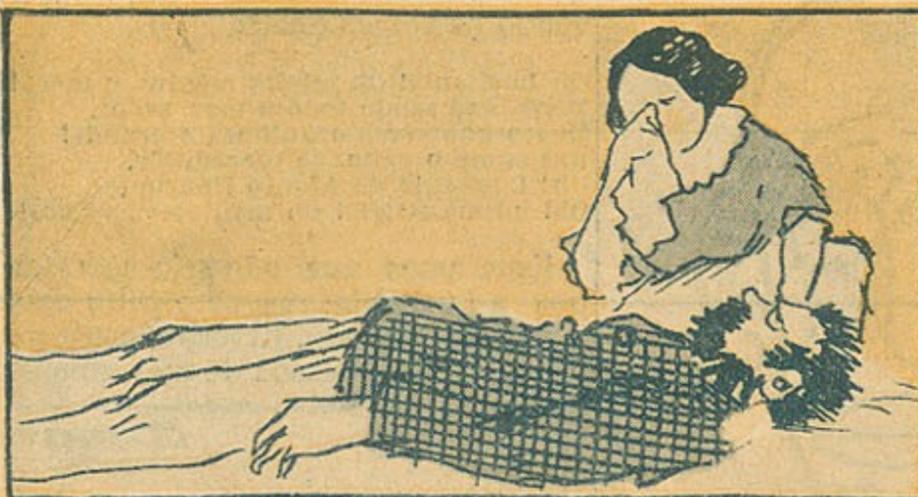
Bojudo farmacopola
De cangalhas no nariz
Lia um papel dos que a gente
Pregam em vasabarris.

O papel era receita,
Isto bem se deixa vêr:
Eis o algoz dos paladares
A molestia quiz saber.

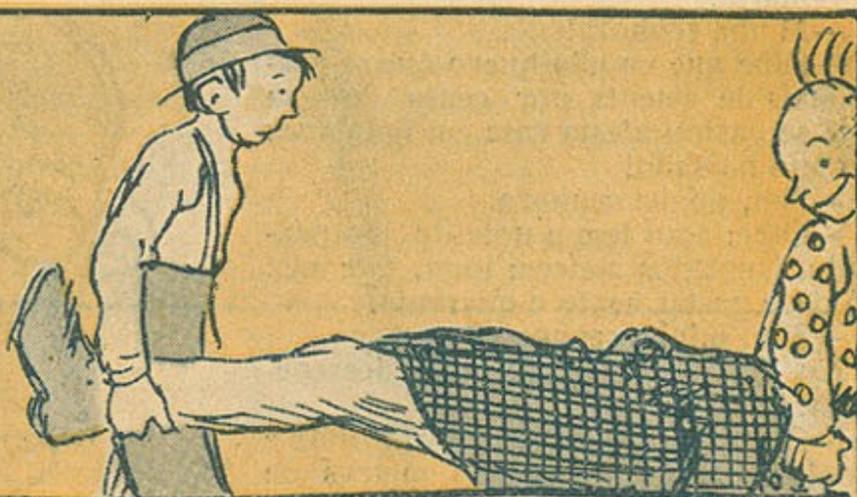
Soube-a pouco mais ou menos
E exclama um tanto impaciente:
—O medico alucinou-se,
Com isto sara o doente!

Regeneração do Matacães e da sua quadrilha

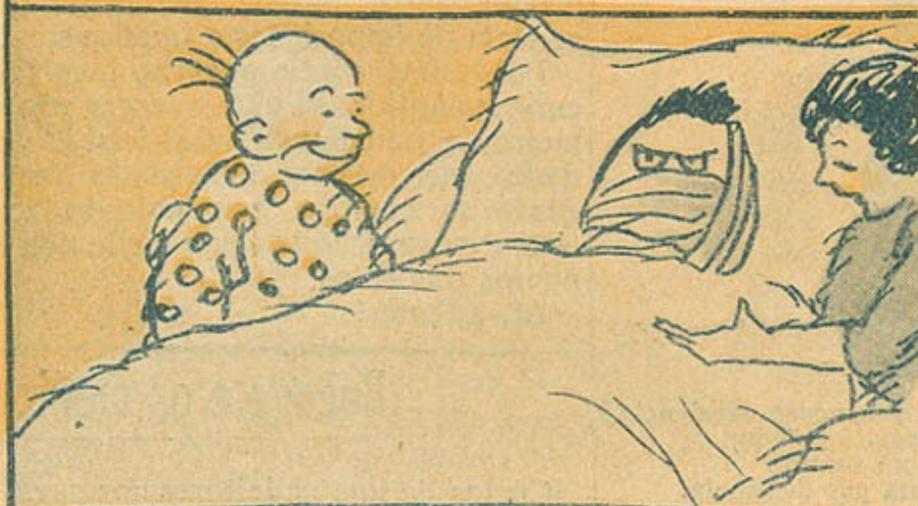
(Continuação)



1.—Vendo o pae sem movimento,
Feito n'um móiho, no chão,
A Aníhas suspira ao vento
Que até corta o coração



2.—O Manecas comovido
Chama o irmão e depois
Lá transportam o ferido
Para a choupana dos dois.



3.—Na própria cama dos manos
O Matacães é deitado
E das ofensas e danos
Prontamente perdoado.



4.—Dão-lhe poções da botica,
Põem-lhe papas e pensos,
Nas chagas deitam arnica,
Teem cuidados imensos.



5.—E o próprio cão, o *Piloto*,
Vai lambe-lhe as mataduras
Esquecendo que o maroto
Lhe cubiçara as fre suras!



6.—Matacães, emfim, curado,
Reune os seus e descreve
Um proceder tão honrado,
Aos dois manos quanto deve.



7.—Então os ex-salteadores
Arrependidos, serenos,
Compram brinquedos e flôres
Para brindar os pequenos.



8.—Festejando a conversão
Houve tão linda *soirée*
Que até o demo do cão
Dançou o saricôté!